



**FACULDADE CESMA DE MARACANAÚ
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

KATIANE MENEZES PAIVA ALMEIDA

**A COMUNICAÇÃO AFETIVA E A INTERAÇÃO NA ESCOLA –
APRENDIZAGEM DO AUTISTA NOS ANOS INICIAIS**

**MARACANAÚ-CEARÁ
2022**

KATIANE MENEZES PAIVA ALMEIDA

**A COMUNICAÇÃO AFETIVA E A INTERAÇÃO NA ESCOLA –
APRENDIZAGEM DO AUTISTA NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso para a aprovação do TCC apresentado a Faculdade Cesma de Maracanaú – FACESMA, como requisito parcial para obtenção de nota.

MARACANAÚ-CEARÁ
2022

A COMUNICAÇÃO AFETIVA E A INTERAÇÃO NA ESCOLA – APRENDIZAGEM DO AUTISTA NOS ANOS INICIAIS¹

Katiane Menezes Paiva Almeida²

Resumo

O presente artigo discute acerca da criança com o Transtorno do Espectro Autista de uma forma sucinta destacando a comunicação afetiva e a importância da abordagem pedagógica no desenvolvimento cognitivo e social nos primeiros anos escolares. O objetivo é proporcionar ao leitor reflexões acerca da importância que a afetividade tem sob o indivíduo com TEA, enfatizando que o ambiente onde a criança está inserida pode ser um mecanismo facilitador de aprendizagem. Este artigo foi construído a partir de uma abordagem qualitativa, destaca alguns autores, tais como: Kanner (1943), Schimidt (2014), Vygotsky (1998) e outros, além de alguns documentos oficiais do Ministério da Educação e da Saúde, com alusão à Educação inclusiva. Ademais, esses estudos confirmam que o desenvolvimento das relações interpessoais precisa ter um espaço maior no planejamento escolar para que assim as crianças autistas apresentem melhor desempenho diante das propostas solicitadas na escola. Trata-se da ênfase nos aspectos afetivos, possibilitando uma interação social mais significativa por parte da criança.

Palavras-chave

Autismo. Afetividade. Família. Escola. Desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O transtorno do espectro autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que traz prejuízos ao indivíduo em três principais características interação social, a cognição e a linguagem. Porém, como principal desafio, a criança com TEA apresenta maiores dificuldades na interação social, que segundo Schimidt (2014), é decorrente do comprometimento de uma das áreas funcionamento do cerebral, ausência ou dificuldade para manter interação.

Destacamos neste artigo a interação social da criança autista com ênfase na comunicação, reconsiderando a necessidade de elevar a autoestima a partir da criação e da permanência de vínculos afetivos e suas influências na aprendizagem.

Nessa perspectiva, perceber a criança com TEA no âmbito escolar requer de todos os profissionais o conhecimento e a sensibilidade de que a interação social e a comunicação são interdependentes; uma vez que a criança poderá apresentar dificuldades de se comunicar com o meio e seus respectivos interlocutores, utilizando a linguagem não verbal “como contato visual, expressões faciais, gestos, linguagens de comportamentos de companheirismo empobrecido com aparente desinteresse intrínseco pelos outros” (SCHMIDT, 2014, p. 33).

¹ Trabalho de conclusão de curso Pedagogia – Facesma

² Graduanda em Pedagogia.

Dessa forma, refletir acerca da importância da afetividade relacionada à promoção da interação social, considerando as motivações, metodológicas diferenciadas e recursos pedagógicos fazem-se imprescindível.

Leo Kanner, psiquiatra infantil foi o pioneiro a definir a síndrome do autismo. Isso aconteceu em 1943, quando publicou um artigo *Astistic disturbances of affective contact* que significa os distúrbios autísticos do contato afetivo. Nesse artigo ele descreveu onze casos de crianças que tinham uma persistência na rotina, não satisfeitas com as mudanças e gostavam de se manter afetivamente isoladas, denominando-as, assim, autistas. Destacou-se também nesta observação a dificuldade que estas crianças demonstraram ao tentarem se relacionar afetivamente e socialmente com outras pessoas, o que chamou atenção do psiquiatra. Hudson (2002), as crianças com o diagnóstico de autismo apresentam muitas dificuldades no reconhecimento das emoções dos outros. Implicariam, portanto, em falhas na demonstração de reações empáticas as expressões e a reações afetivas demonstradas por seus interlocutores, devido à falta de sensibilização social. Trata-se da falta de habilidade em estabelecer conexões sócio-afetivas através do uso de linguagem.

Tais estudos impulsionaram a necessidade precoce, desde o primeiro caso de autismo até os dias atuais, a apresentação da tríade de características, que são: dificuldade de interação social, dificuldade de comunicação pré-verbal e verbal, comportamentos e interesses restritos e repetitivos (KANNER, 1943). Esta tríade de características foi definida no estudo realizado por Kanner (1943) com crianças de idades menores que 30 meses.

Nos dias atuais a maioria dos casos é diagnosticado bem cedo, antes mesmo de completar 3 anos de idade, no entanto já existem estudos em andamento para um diagnóstico ainda mais precoce, antes até que haja uma comunicação verbal através da comunicação pré-verbal. Trata-se de proporcionar às crianças com TEA a aprendizagem relativa à linguagem, desenvolvendo suas capacidades simbólicas, das mais simples às mais complexas (Intersubjetividade primária e secundária).

Quando é realizada uma identificação precoce do autismo é possível uma melhor compreensão das fases de desenvolvimento intersubjetividade primária, fase do desenvolvimento do bebê e secundária. Melhorando conseqüentemente a relação do sujeito com o outro e com objetos, desenvolvendo, assim, precursores da comunicação afetiva. A capacidade inata que ancora a relação do bebê com a mãe a partir das interações sociais naturais é denominada por Trevanther (2001) de intersubjetividade primária. Portanto, trata-se de uma comunicação afetiva com interações didáticas. A intersubjetividade secundária é o início de uma fase em que há uma intencionalidade no desejo de estabelecer uma

comunicação. É o início de um processo de descoberta da capacidade simbólica (BATES, 1976; in Tomasello, 2003.)

Este artigo tem como finalidade destacar a importância da afetividade nos anos iniciais junto à criança autista. Quanto aos profissionais que se relacionam com os estudantes com TEA, destaca-se a importância que seja firmada os sentimentos de respeito e empatia, salientando que ainda que a criança apresente rejeição ao toque, não quer dizer que não goste. Tendo em vista que o afeto está contido em diversas emoções.

Para Wallon (2007), a afetividade e a inteligência constituem em par inseparável na evolução do desenvolvimento psíquico da criança. Por consequência destacamos a relação professor - criança como ponto fundamental para o processo de desenvolvimento completo da pessoa. Sendo assim, fica claro que a criança é ser emocional, que aos poucos se converte em um ser sociocognitivo. Ou seja, o desenvolvimento da criança acontece de forma integral e integrada, conforme as competências socioemocionais, assim como propõe a nova abordagem da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL,2018).

Piaget (2014) justifica que o afeto é parte indispensável na construção da inteligência. O vínculo afetivo é motivador de entusiasmo e estímulo com o autista não seria diferente.

A afetividade colabora de forma especial na educação inclusiva, proporcionando a criança um ambiente que em se sinta seguro e incluso. Essa pedagogia afetiva visa mudar a qualidade da educação e do processo de ensino para alcançar uma sociedade mais fraterna (CUNHA, 2008).

Conhecer e estudar as características comuns as pessoas com autismo: definir a forma de atendimento educacional a ser ofertado, concomitantemente com a turma comum e desenvolver estratégias adequadas de atuação pedagógica em sala de aula, respondendo às necessidades educacionais especiais de crianças com autismo, as quais devem ser avaliadas sistematicamente (MENEZES,2012, p.53.)

No supracitado acima nota-se que o professor é o fundamento dos parâmetros de ensino, sendo assim faz-se importante que esteja preparado objetivando potencializar as capacidades cognitivas e socioemocionais, especialmente o dos estudantes com TEA matriculados nos primeiros anos escolares.

OS NÍVEIS DE INTENSIDADE DO AUTISMO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais) estabeleceu que o diagnóstico de TEA fosse estipulado em níveis de intensidade, sendo definido segundo

características específicas, o qual ficou deliberado que quatro diagnósticos seriam resumidos a um só, que são Transtorno autista, Síndrome de Asperger, Transtorno Invasivo de Desenvolvimento. Este diagnóstico denominado com Transtorno do Espectro Autista ou TEA. Essa junção ocorreu devido à semelhança nos sintomas apresentados pelos pacientes, diferenciando apenas os níveis de gravidade. Cunha (2011) descreve que “O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados a uma tríade principal, comprometimentos na comunicação, dificuldade na interação social e atividades restrito-repetitivas”.

Os níveis de autismo permitem um diagnóstico mais preciso e eficaz, permitindo diferenciar a proporção dos sintomas apresentados, que variam de leve a grave. Existem três níveis de autismo: Nível 1, 2 e 3 que determinam a intensidade dos sintomas e a proporção que afetam as habilidades sociais e comportamentais.

Nível 1 – Autismo leve

As pessoas que cabem a este nível apresentam sintomas menos graves, possuem dificuldade em estabelecer relações sociais, possuem comportamentos repetitivos e restritivos, no entanto necessitam de um suporte mínimo para ajuda-las em atividades do cotidiano.

Estas pessoas são capazes de instituir um vínculo comunicativo e manter alguns relacionamentos, ainda que possuam dificuldade em permanecer em conversar e manter amizades. Preferem que a rotina seja mesma todos os dias, e se incomodam com mudanças ou eventos inesperados.

Nível 2- Autismo moderado

As pessoas com o nível 2 de autismo, estão em um nível intermediário no que se refere a gravidade dos sintomas e necessidade de auxílio, geralmente possuem bem mais dificuldade em interações sociais do que o indivíduo do nível 1, pode haver ou não uma comunicação verbal, e se assim houver são curtas e diretas, desta forma é fundamental que haja um suporte para esta relação social.

O comportamento do indivíduo com o nível 2 é mais inusual, visto que há pouca comunicação visual, não consegue expressar seus sentimentos e emoções por expressões faciais e nem pela fala. A conduta repetitiva e restritiva está presente com mais intensidade, sendo assim caso haja mudança na rotina gera um desconforto e incômodo, podendo ser perturbador.

Nível 3 – Autismo severo

A pessoas que possuem um diagnóstico de autismo nível 3, necessitam de um apoio em tempo integral. Pois detêm de extrema dificuldade de se comunicar com o outro, assim como a conduta repetitiva e restritiva atrapalham o seu desenvolvimento independente em atividades corriqueiras do cotidiano.

Ainda que o sujeito com o nível 3 se comunique verbalmente, esta comunicação é de má qualidade. Na maioria dos casos não há comunicação verbal. São sensíveis a eventos inesperados e turbulentos. Podem ser exageradamente vulneráveis a determinados estímulos sensoriais, como balanço e ecolalia.

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO ESCOLAR PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA AUTISTA

No ano de 1994, o autismo foi incluído nas esferas educacionais com a Política Nacional de Educação Especial. A lei nº 12.796, de 04 de abril de 2013, cita no artigo 60º, parágrafo único amplificação relacionada ao atendimento de pessoas especiais.

É direito da criança ter acesso ao ensino regular gratuito, assim como é dever da família matricular as crianças nesse formato de ensino, sendo assim, cabe à escola oferecer o apoio e suporte necessário para inserção adequada no ambiente escolar. A criança com deficiência e/ou transtorno está respaldada pela Constituição Federal tendo seu direito ao ensino regular preservado na legislação. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, artigo 27º.

Ainda de acordo com o Parecer CNE/CEB 17/2001 a modalidade Educação Especial refere-se aos sujeitos da Educação Especial:

[...]como sendo aquelas com necessidades educacionais especiais, e esse termo engloba os educandos que, durante o processo educacional, demonstram dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares[...]; dificuldades de comunicação e sinalização diferenciados dos demais alunos[...] e altas habilidades/ superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente os conceitos (BRASIL, 2001).

A inclusão da criança autista na escola, ainda nos dias atuais, possui inúmeros desafios, apesar de haver diversas leis que amparam essas crianças e suas famílias, a falta de preparo dos profissionais e espaços direcionados dificultam esta relação afetiva e sócio educacional.

A aprendizagem do sujeito com autismo, que possui dificuldades na comunicação e no domínio da linguagem, necessita de uma atenção aos limites do indivíduo para as que as práticas pedagógicas possam ser aplicadas, mas sempre incentivando o sujeito a superar seus limites. A inclusão desses alunos no ensino regular é importante para o seu desenvolvimento social, porém, essa inclusão gera vários desafios pois não é

só inserir esses indivíduos em um contexto escolar, mas é necessário considerar suas peculiaridades (NASCIMENTO; CRUZ, 2014)

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), têm como característica principal a dificuldade de comunicação e interação social com o outro, sendo assim a inclusão educacional é de suma importância no desenvolvimento cognitivo e social desta criança. A escola tem um papel fundamental na estimulação da criança com TEA, o ambiente escolar oferece uma ampla possibilidade de interação social.

A inserção do autista na sala de aula vai além da adequação do mesmo as aulas, a turma, suas dificuldades, limitações iniciam a partir do núcleo familiar onde nem sempre os pais e familiares estão preparados para essa especialidade de uma criança. E isso interfere em seu comportamento e desenvolvimento escolar como afirma Batista e Bosa (2002, p.36), devido à falta de conhecimento e até mesmo por ignorância da família em não aceitar uma deficiência dificultam todo o processo de desenvolvimento deste indivíduo, pois não havendo um acompanhamento com uma equipe médica especializada, torna-se difícil obter avanços no ambiente escolar.

É importante salientar que ao haver a inclusão desta criança na escola deverá de haver um vínculo consistente com a família para que aconteça uma melhor qualidade de vida para a criança com TEA. Pois, assim como diz Cunha (2014): “[...] escola e família precisam ser concordes nas ações e nas intervenções na aprendizagem, principalmente, porque há grande suporte na educação comportamental” (CUNHA, 2014, p.89).

Ou seja, os dois ambientes precisam estar em concordância, desta maneira é possível que haja uma inclusão propriamente dita. Cavaco (2014) também coaduna com este pensamento quando expõe que:

Incluir não é integrar. [...] não é estar em uma sala onde a inexistência de conscientização de valores e a aceitação não existem. É aceitar integralmente e incondicionalmente as diferenças de todos, em uma valorização do ser enquanto semelhante a nós com igualdade de direitos e oportunidades. É mais do que desenvolver comportamentos, é uma questão de conscientização e de atitudes (CAVACO,2014, p.31).

No entanto, este processo de aprendizagem e desenvolvimento enfrenta diversas adversidades, tanto na escola pública quanto na privada. Não existem profissionais capacitados em todas as escolas disponibilizadas, no setor público existe uma melhor qualidade de tratamento, pois em algumas escolas existe um ambiente especializado chamado sala de AEE. No entanto a escola particular não possui este suporte.

Para que a instituição de ensino promova, inicialmente, o desenvolvimento e, posteriormente, a aprendizagem da criança autista é necessário que ela disponha de uma prática pedagógica coletiva na qual seja esclarecida a importância do envolvimento familiar

com a escola, além de mudanças de caráter estrutural e metodológico, privilegiando um currículo que se adeque também às necessidades da criança, conforme defende Silva (2012).

Vale ressaltar que de acordo com a LDB, lei nº 9394/96 é garantida a educação de pessoas com necessidades especiais em escolas de ensino regular, conforme estabelecido no Art. 59º “os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais”.

I – Currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações especificam, para atender as necessidades.

Segundo o instituto de Neurosaber é imprescindível que a rotina das crianças autista esteja direcionada e estrategicamente voltada ao desenvolvimento intelectual e social, sendo assim há algumas orientações pedagógicas que podem ser validas na rotina escolar:

- **Conhecer o interesse da criança:** toda criança tem um objeto ou brinquedo que chama sua atenção, seja um carro, dinossauro, boneca, dentre outros. Utilize estes objetos em atividades relacionadas aos conteúdos aplicados no dia.
- **Objetividade e adaptação:** proporcione atividades simples e rápidas, adapte seu conteúdo para atividades manuais, assim será mais fácil a concentração.
- **Utilize apoios visuais:** demonstrar em imagens o objetivo da aula, assim será mais fácil a compreensão.
- **Valorize cada conquista:** independente do que foi acrescentado no quesito conhecimento é importante valorizar e parabenizar as conquistas.
- **Demonstre carinho e afetividade sempre:** ainda que a criança com TEA seja resistente ao contato físico, a demonstração de carinho, respeito e empatia pode ser realizada de diversas formas.
- **Utilize de abordagens sensoriais:** Na maioria dos casos a criança autista gosta de atividades onde seja possível ser manuseado.

AS RELAÇÕES AFETIVAS DA CRIANÇA AUTISTA NO AMBIENTE AO SEU REDOR.

De acordo com alguns pensadores renomados como Wallon e Piaget o desenvolvimento infantil está diretamente relacionado aos aspectos afetivos dentro do processo de aprendizagem e desenvolvimento social e cognitivo. O ambiente familiar e doméstico é de extrema importância para a compreensão do desenvolvimento humano, pois é o lugar mais propício para que o sujeito expresse seus comportamentos, hábitos, valores.

Paulo Freire (1979) falou que “não há educação sem amor [...]. quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar” (FREIRE,1979, p.15). O afeto é o símbolo da força que motiva a criança a aprender. Não há um método intrínseco para trabalhar com a criança com TEA, no entanto a afetividade é o principal método de cativar e conquistar esta criança.

A família na maioria dos casos não está pronta para receber este diagnóstico, uma vez que havia uma idealização de um filho, um irmão, um neto, um sobrinho com as oportunidades e destino pensado pelos familiares, e com o autismo nada pode ser previsto. No entanto, o que norteia essa família é o afeto que há entre eles. Afeto este que implica em todo o desenvolvimento deste indivíduo. Na maior parte das crianças com TEA o abraço não é uma ação que seja bem recebida ou retribuída pelo autista, isso não quer dizer que ele não possua ou não goste da afetividade, ele só a expressa de outras maneiras.

A família como rede de apoio sempre vai estar presente na vida da criança com autismo, em todas as etapas de seu desenvolver, a maior parte do aprendizado, das formas de inclusão, da socialização e dos afetos que essa criança vai construir em seu desenvolvimento serão oriundos de sua relação familiar. A família se torna uma rede de apoio á medida que a mesma está bem orientada sobre o que é autismo, sobre as condições reais do desenvolvimento do seu filho e sobre os desafios que vão ser enfrentados a medida de cada fase de crescimento. (SOUZA; BARBOSA ,2016; OLIVEIRA et al., 2014.).

Quando a família entende a real situação desta criança, conhece o nível, se apropria de uma rede de apoio que facilita o processo de evolução, rede de apoio esta que é composta por médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos, fonoaudiólogos, psicopedagogo e professores, o processo educacional torna-se mais leve, tranquilo e motivador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas tiveram como objetivo frisar a importância da comunicação afetiva para a evolução da criança autista e salientar que este método deveria ser o principal para alcançar o objetivo final que é o desenvolvimento cognitivo e social deste indivíduo. Nesse caminho foi possível compreender o impacto do processo afetivo na vida do autista, principalmente nos primeiros anos escolares. Durante o processo de pesquisa constatei que muitas famílias ainda não estão preparadas para receber a criança com TEA, assim como muitas escolas não estão estruturadas para desenvolver melhor este processo cognitivo, sem espaços direcionados e sem profissionais capacitados.

Sendo assim, procurei destacar durante a exposição que o trabalho pedagógico com a criança autista, principalmente, não pode acontecer sem que haja o vínculo afetivo entre

professor e aluno, criança e família. Na prática pedagógica é de suma importância que haja um plano diferenciado, pois, os objetivos são distintos, buscando a flexibilidade e a inclusão.

Após a análise dos textos aqui citados entendeu-se que a afetividade contribui intensamente no processo de aprendizagem. Nos primeiros dias é comum que não haja interesse pelo aluno nos objetivos que o professor busca, mas após um contínuo trabalho de afeto e conquista é possível obter resultados positivos.

A afirmação que destaca essa pesquisa é que a criança autista é capaz de aprender. Para tanto, seu ritmo de aprendizagem deve ser respeitado. O processo de associação da criança com TEA difere da criança neurotípica. A afetividade é o que possibilita ao professor ter o olhar crítico necessário para essa percepção. À vista disso, a educação inclusiva refere-se, além dos recursos pedagógicos, às qualidades humanas, à capacidade do ser de trabalhar com emoções e sentimentos (CUNHA, 2014).

Após a análise e exploração do tema, enfatiza-se que a inclusão é um tema extremamente debatido na área educacional, e abordar este assunto é fundamental para elaborar diferentes possibilidades de inclusão no ambiente escolar. Os desafios são diversos, pois cada criança tem sua particularidade e possui um diagnóstico diferenciado. É da família a missão de buscar profissionais que auxiliem neste processo de desenvolvimento da criança. E aos profissionais da educação fica a missão de estudar, pesquisar, capacitar-se para trabalhar com estes indivíduos.

Trabalhar sob olhar de inclusão é um obstáculo que é necessário a utilização de métodos para que se chegue a objetivos pré-estabelecidos e que sejam positivos para toda a comunidade escolar, especialmente para o educando. Para tanto, é essencial que haja uma rede colaborativa entre escola e família, reconhecendo que os estudos precisam ser contínuos; além da persistência, aprimoramento das práticas pedagógicas, persistência, empatia e principalmente amor no ato de educar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação do. **Parecer CNE/ CEB 17/ 2001**. Brasília: Ministério da Educação, 2001. Disponível em: . Acesso em: 10 de maio de 2022.

_____. Governo do Brasil. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 12.796/13** Disponível em: <https://abre.ai/bPnX> Acesso: 13 de maio de 2022 .

_____. Governo do Brasil. Presidência da República. Casa Civil. **Lei Nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Disponível em <https://abre.ai/bPnW> Acesso: 13 de maio de 2022.

CUNHA, E. **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

_____. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade na prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Wak, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Inquietas TDAH: Desatenção, Hiperatividade e Impulsividade**. Rio de Janeiro: Fontanar, 2009.

SCHMIDT, C. (Org.). **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 2014.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.